

A imprensa e o Príncipe

Carlos Setti

18 OUT 1994

A desprezível diferença de pouco mais de 2% entre a votação de Valmir Campelo e a de Cristovam Buarque no primeiro turno surpreendeu o candidato da Frente Progressista, seus padrinhos políticos e os coordenadores da campanha.

E azedou o humor de quem, acostumado há anos ao exercício do poder, esperava no mínimo uma vitória logo no primeiro turno.

Políticos, jornalistas, marqueteiros e assessores, todos sabiam: o clima no comitê de Valmir não estava nada bom.

Da forma mais reservada quanto possível, o candidato e os comandantes da campanha passaram uma semana estudando onde falharam e como melhorar para o segundo turno.

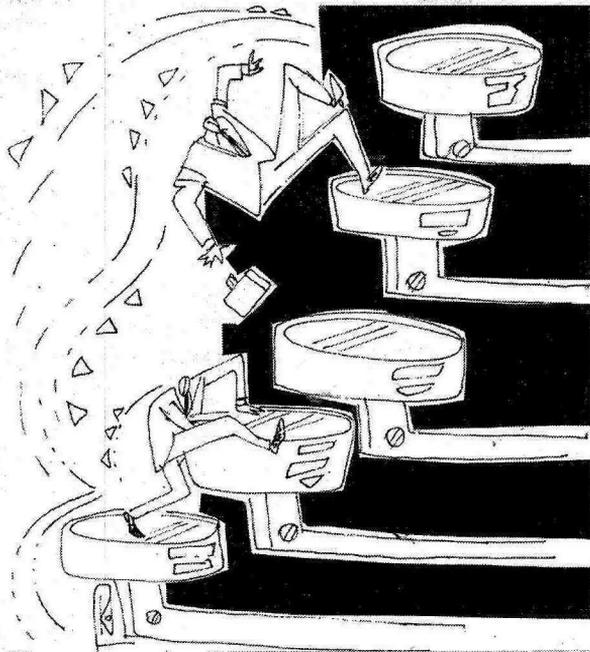
Inúmeras explicações foram levantadas. A complexidade da cédula e do processo de votação, a falta de ônibus e o pouco empenho dos candidatos proporcionais ficaram entre as mais importantes.

Mas uma avaliação estava trancada a sete chaves: qual teria sido a efetiva contribuição do engajamento do governador Joaquim Roriz na campanha?

Aberta uma fresta nesta porta, revelou-se que a resposta poderia ser negativa. Diante dos números analisados, os homens de Valmir passaram a alimentar profundas dúvidas sobre a eficácia da participação de Roriz no segundo turno.

Alguns assessores chegaram a afirmar que, na reta final, Roriz poderia ter tirado votos em vez de agregar.

A divulgação destas avaliações pelo **Correio Braziliense** e, depois, por vários órgãos da imprensa, acirrou o nervosismo no comitê.



Quem se incumbiu de provar a existência deste nervosismo foi o governador Joaquim Roriz na sexta-feira da semana passada. Político experiente e temperado nos embates com os adversários, Roriz pela primeira vez deu uma demonstração pública de que também pode ser descontrolar.

Acusou o golpe da revelação de que poderia ser afastado da campanha e partiu para o contra-ataque. Em tom emocionado, afirmou com veemência que não se considerava um derrotado. A prova, disse ele, era a de que havia sido eleito no primeiro turno em 90.

Frase que, para alguns analistas políticos, permitiu duas interpretações. Primeira: Roriz reconheceu que é a grande liderança política de Brasília, mas não transfere votos. Segunda: o governador reiterou o distanciamento que passou a existir entre ele e Valmir, ao enfatizar a sua eleição.

No mesmo dia, também, Roriz deu origem a uma complexa teoria psicanalítica ao dizer que possuía

duas personalidades, a jurídica e a física. E garantiu que nesta semana iria dizer como a sua personalidade física iria participar da campanha, já que a jurídica não iria se licenciar do governo.

Outra manifestação de que o comando da campanha anda intensamente sensível foi a enfática nota enviada pelos coordenadores a este jornal na mesma sexta-feira e que saiu na edição de sábado.

A nota contesta matéria publicada na própria sexta-feira, que mostrava as avaliações de bastidor sobre o apoio de Roriz e informava a respeito do engajamento de Wanderley Vallim na campanha de Valmir.

Atônitos com as revelações publicadas e incapazes de descobrir de que fontes elas surgiram, os coordenadores preferiram afirmar que a matéria fora inventada e estava a serviço dos inimigos da candidatura de Valmir.

O próprio evoluir da conjuntura política demonstrou que elas vieram apenas dos fatos, como a irada reação de Roriz se incumbiu de confirmar.

Quanto à insistente obsessão da nota em enxergar na atividade simplesmente jornalística uma conspiração contra o candidato, além de merecer as recomendações psiquiátricas de praxe, manifesta uma natureza nada democrática.

É bem verdade que houve outros tempos em que a imprensa brasileira, incluindo-se a candanga, só publicava o *dictat* do Príncipe, para quem não há meio termo: ou se está com ele ou se está contra ele.

Talvez os autores da nota estejam estranhando os novos tempos, em que a imprensa vem procurando, com todo o empenho, estar a serviço apenas da comunidade. Nem contra, nem a favor de qualquer candidato.

CORREIO BRAZILIENSE